ORVILLE ADELBERT DERBY

ORIGEM, ESTUDOS E CONTRIBUIÇÕES

ORIGEM

Orville A. Derby, o terceiro filho de John C. Derby e de Malvina A. Lindsay Derby, cresceu nas proximidades de Kelloggsville, sua cidade natal, em uma fazenda localizada na região de Finger Lakes, condado de Cayuga, estado de Nova York.

ESTUDOS E PRIMEIROS CONTATOS COM O BRASIL

Em 1869, aos 17 anos, Orville Derby ingressou na Universidade de Cornell, onde seu grande interesse pela geologia constituiu motivo para que Charles Frederic Hartt (1840-1878), seu professor de geologia e geografia, o convidasse para acompanhá-lo em sua viagem ao Brasil, realizada no verão de 1870. Nesta primeira viagem da Expedição Morgan, dirigida por Hartt, Derby, ainda como estudante, esteve no estado de Pernambuco, ocasião em que, na companhia do naturalista De Borden Wilmont, organizou uma importante coleção de fósseis da formação Maria Farinha.

No verão de 1871, na segunda viagem da Expedição Morgan, outra vez acompanhando Hartt, Derby retornou ao Brasil, desta vez para explorar o vale do rio Amazonas. Nessa ocasião, realizou no baixo curso do rio Tapajós uma importante coleta de fósseis carboníferos nos calcários da formação Itaituba.

Entre 1871 e 1873, Derby deu continuidade aos seus estudos na Universidade de Cornell, onde se graduou em 1873. Nesta mesma universidade, Derby terminou seu doutorado em junho de 1874 e, nesse mesmo ano, sua tese "On the Carboniferous Brachiopoda of Itaituba, Rio Tapajóz, Province of Pará, Brazil" foi publicada no Bulletin of Cornell University, Ithaca (vol. 1, nº 2). Essa foi a primeira publicação de Derby sobre a geologia do Brasil dentre seus 145 trabalhos, além de contribuir para a organização e construção de importantes entidades técnico-científicas brasileira.

CONTRIBUIÇÕES AO BRASIL

COMISSÃO GEOLÓGICA DO IMPÉRIO • Foi criada no final de 1874 com o objetivo de construir um mapa geológico do Brasil. Sua organização foi confiada ao seu idealizador, Charles Frederic Hartt, que teve como assistentes Richard Rathburn; John Casper Branner; Orville Derby e dois engenheiros brasileiros, Francisco José de Freitas e Elias Fausto Pacheco Jordão. Essa comissão conseguiu esclarecer em seus traços gerais a estrutura geológica brasileira, além de recolher cerca de 500 mil amostras. Com apenas dois anos de funcionamento a Comissão foi extinta, em 1876, alegando-se economia de gastos. À época da extinção da Comissão, todo o material que fora coletado durante sua existência, foi depositado no Museu Nacional , na cidade do Rio de Janeiro.

MUSEU NACIONAL (1879 - 1886) • Orville Derby trabalhou, sem receber remuneração, no Museu Nacional até maio de 1879, quando foi nomeado chefe da 3ª seção de geologia nesta instituição, permanecendo neste cargo até 1890. Enquanto aguardava sua nomeação para este museu, Derby realizou vários trabalhos nas províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Paraná e ainda na bacia do rio São Francisco. Ainda neste período atuou na Comissão Hidráulica do Império, criada em 1879 para exploração do São Francisco, e chefiada pelo engenheiro William Milnor Roberts (1810-1881). Participou de estudos sobre a navegação dos rios São Francisco e das Velhas, e sobre as obras de melhoramento do porto de Santos. Como resultado produziu uma série de anotações e registros sobre as formações diamantíferas no Paraná, e sobre a formação geológica da bacia do Paraná. Em Minas Gerais reconheceu a origem da flexibilidade dos itacolomitos (quartzito claro e quartzito rosado). Colaborou, ainda, com o geólogo Claude-Henri Gorceix (1842-1919) nos estudos paleontológicos da Carta Geológica de Minas Gerais (LOPES, 1997).

De 1879 até 1886, Orville Adelbert Derby dedicou-se integralmente às atividades no Museu Nacional, como pesquisador, professor e organizador das coleções de mineralogia e de paleontologia pertencentes ao acervo da instituição. Neste sentido, compilou e organizou os estudos que Hartt havia feito na Amazônia. Além disso, enviou a alguns especialistas uma parte das coleções do Museu para que fossem feitas descrições, as quais seriam publicadas pela instituição.

ESTADO DE SÃO PAULO (1886 - 1904) • A convite do governo da província de São Paulo, organizou a Comissão Geográfica e Geológica da referida província, criada pela Lei Provincial nº9, de 27 de março de 1886, hoje Instituto Geológico de São Paulo. Sua proposta era de uma visão integrada da natureza, através de geologia, geografia, botânica, zoologia, climatologia, etnografia etc. Essa linha de trabalho, que pode ser qualificada de naturalista, durou até 1905, substituída com a implantação da exploração dos recursos naturais, com vistas a acompanhar e auxiliar o desenvolvimento industrial. A Comissão Geográfica e Geológica, como tal, permaneceu até 1931, destacando-se como produtos de sua atuação a realização de cartas geológicas, geográficas e topográficas do estado; os primeiros levantamentos de nossa fauna e flora; pesquisas com ênfase ao petróleo e à apatita; entre outros.

A preocupação de Derby com o meio ambiente ajudou a criar a primeira área de preservação do Brasil, o Horto Botânico (atual Horto Florestal), situado no sopé da Serra da Cantareira, na capital, por iniciativa dele, de Francisco de Paula Ramos de Azevedo e Alberto Loefgren, em 1896.

PESQUISAS, MORTE E RECONHECIMENTO

UMA INSPIRAÇÃO PARA PRICE

Como geólogo, Derby nunca escondeu seu enorme interesse pela Paleontologia. Tamanho interesse levou-o a se ocupar dos estudos fósseis na bacia Amazônica, missão dada por seu professor Hartt, que também o imbuiu de descrever os branquiópodes encontrados nas rochas carboníferas no Vale do Amazonas. Paleontólogos e geólogos reconheceram a importância e contribuição de seu trabalho para o desenvolvimento dessas áreas no Brasil. Dentre eles, Llewellyn Ivor Price.

Os estudos de Derby foram muito utilizados e aprofundados por Price durante sua vida como paleontólogo. A produção científica de Derby, isto é, dezenas de artigos, constam na biblioteca organizada por Price, demonstrando seu interesse pelos escritos de Derby. Hoje esta biblioteca faz parte do acervo bibliográfico e documental do Museu de Ciências da Terra, pertencente a CPRM.

PESQUISAS SOBRE ROCHAS, MINERAIS E MINÉRIOS

Não foi só sobre Paleontologia que Derby se debruçou. Ele também buscou envolver-se com o estudo das jazidas de diamantes, rochas, minerais e, principalmente, minério de ouro. Em relação a este último, sete de seus trabalhos foram dedicados a ele. Sob o comando de Hartt, ainda na comissão geológica do império, recolheram aproximadamente quinhentas mil amostras de rochas e minerais no Brasil.

SUA MORTE

Ninguém sabe ao certo a razão que o levou a suicidar-se. Cogita-se que o real motivo tenha sido os duros cortes orçamentários contra o Serviço Geológico. O que se sabe realmente é que as 10 horas da manhã do dia 27 de novembro de 1915 um camareiro o encontrou morto na cama do hotel onde vivia com um revólver em mãos, o que indica que foi um suicídio, embora ninguém tenha ouvido o tiro, nem tenham visto ninguém no hotel.

PRÊMIO ORVILLE A. DERBY

Em 1927 fora criado um prêmio após doação da fortuna do Dr. Luiz da Rocha Miranda ao Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil sem estipular como seria empenhado o dinheiro. Para tal, o Dr. Euzébio Paulo de Oliveira, Diretor da época do SMGB decidiu pela criação do referido prêmio levando o nome do estruturador e primeiro diretor do Serviço Geológico, Orville A. Derby, como uma justa homenagem a quem muito cooperou e trabalhou pelo desenvolvimento da geologia no Brasil. •

Presidente da República
DILMA ROUSSEFF

Ministro de Minas e Energia
CARLOS EDUARDO DE SOUZA BRAGA

Secretário de Geologia, Mineração e Transformação Mineral
CARLOS NOGUEIRA DA COSTA JÚNIOR

SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL - CPRM

Diretor-Presidente
MANOEL BARRETTO DA ROCHA NETO

Diretor de Geologia e Recursos Minerais
ROBERTO VENTURA SANTOS

Diretor de Hidrologia e Gestão Territorial
STÊNIO PETROVICH PEREIRA

Diretor de Relações Institucionais e Desenvolvimento
ANTÔNIO CARLOS BACELAR NUNES

Diretor de Administração e Finanças
EDUARDO SANTA HELENA DA SILVA

Gabinete da Presidência
JOSÉ ANTÔNIO TEBALDI CASTELLANO

Coordenador Executivo da Presidência
JOÃO BATISTA DE VASCONCELOS DIAS JUNIOR

MUSEU DE CIÊNCIAS DA TERRA

ADRIANA GOMES DE SOUZA
AMANDA PAULA DA SILVA
DENISE PIMENTEL DE ASSIS
DIOGENES DE ALMEIDA CAMPOS
MARCIA APARECIDA DOS REIS POLCK (DNPM)
NATHALIA WINKELMANN ROITBERG
RODRIGO DA ROCHA MACHADO (DNPM)

Exposição "A Geologia brasileira órfã: 100 anos sem ORVILLE A. DERBY"

Equipe organizadora

DIOGENES DE ALMEIDA CAMPOS
NATHALIA WINKELMANN ROITBERG
PRISCILA CRISTINA DE FARIA URURAHY
RAPHAEL PEIXOTO DA ROCHA
ROBERTA PEREIRA DA SILVA DE PAULA
SUZANA DE MOURA

Mediadoras

ALEXANDRA SANTANGELO FERNANDES
CLARA BENARROZ DA SILVA

Agradecimentos

ANDRE LUIS RODRIGUES VICTOLLA
ANDREIA CONTINENTINO
FILIPE TEIXEIRA
HELOISA DOS SANTOS
IRINEA SILVA
IRINEU CAPELETTI
JULIANA COLUSSI
LAURA FERNANDES
MARIANA VIRGILIO ROCHA
PAULO BASTOS
RAPHAEL ROCHA
RICARDO JONUSAN
SIMONE NASCIMENTO
VALTER BARRADAS
ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO MUSEU DE CIÊNCIAS DA TERRA: PRESIDENTE CLARISSE GANDELMAN

Projeto gráfico / Editoração: CPRM - DEPAT / DIEDIG

CPRM Serviço Geológico do Brasil | Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral | Ministério de Minas e Energia | GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

A Geologia brasileira órfã:
100 anos sem
ORVILLE A. DERBY

de 8/12/2015 a 07/02/2016

CPRM Serviço Geológico do Brasil | DNPM Departamento Nacional de Produção Mineral